

## Educação e a fenomenologia da natureza: o método de Goethe

*Jonas Bach Jr.*

pós-doutorando em Filosofia e História da Educação – FE/Unicamp

### Resumo

Este artigo apresenta o método da fenomenologia da natureza de Goethe, seus principais conceitos e procedimentos. Sua fenomenologia é um processo de autoeducação do pesquisador. As percepções são aperfeiçoadas através da observação fenomenológica. As reflexões interagem com o fenômeno na ordenação congruente dos dados observados. O sujeito exercita seu aprendizado no julgamento através do objeto e na versatilidade de suas representações mentais. A evidência do fenômeno pressupõe a execução deste método participativo. A formação [*Bildung*] do sujeito é um processo permanente de aprimoramento da subjetividade na sua interatividade com os fenômenos da natureza.

**Palavras-chave:** fenomenologia, epistemologia, autoeducação

### Abstract

This paper presents the method Goethe's phenomenology of nature, its key concepts and procedures. His phenomenology is a process of researcher's self-education. Perceptions are enhanced through phenomenological observation. Reflections interact with phenomenon in a congruent ordering of the observed data. The subject trains his apprenticeship at trial through the object and in the versatility of their mental representations. The evidence of the phenomenon requires the implementation of this participatory method. The subject formation [*Bildung*] is an ongoing process of improvement of subjectivity in its interaction with the phenomena of nature.

**Keywords:** phenomenology, epistemology, self-education

## Introdução

**J**ohann Wolfgang von Goethe (1749-1832) desenvolveu um método de pesquisa da natureza ao abordar o reino vegetal, o fenômeno das cores e climáticos, ao estudar os animais, os ossos, as pedras. Suas obras científicas foram, por um lado, ofuscadas pela notoriedade que possuía no âmbito artístico-literário e, por outro lado, incompreendidas pela ciência dominante de sua época, ainda pautada pelo paradigma cartesiano. Neste artigo pretendo apresentar a estrutura da metodologia de Goethe e seu caráter fenomenológico, tendo como exemplo sua *Teoria das Cores*.

Goethe empregou uma terminologia própria para expressar o diferencial dos seus procedimentos científicos. Este vocabulário exclusivo é uma das razões da lenta aceitação e do não generalizado reconhecimento do seu método, pois o seu discernimento envolve o debate epistemológico. A terminologia que Goethe criou foi um esforço em desenvolver uma linguagem científica dialógica e receptiva em relação à natureza. Ao não reduzir suas observações a representações matemáticas, sua pesquisa focalizou os aspectos qualitativos na relação entre o sujeito e objeto. Ao não dicotomizar entre subjetividade e objetividade, mas enfatizar a necessária inclusão dinâmica de ambas, seu método foi expresso numa linguagem da natureza.

Para esclarecer do que se trata a fenomenologia de Goethe, abordo os principais parâmetros como os conceitos de polaridade e intensificação que permeiam seu processo de pesquisa com as cores. Os outros parâmetros são a observação fenomenológica, a ordenação congruente do que foi observado, o julgamento de acordo com o referencial no objeto, a versatilidade das representações e a experiência da evidência.

Denominar como fenomenológico o método de pesquisa de Goethe parece, primeiramente numa revisão e comparação históricas, uma contradição, uma vez que a fenomenologia foi fundada por Edmund Husserl (1859-1938) depois da morte de Goethe. Foi através de Johann Heinrich Lambert (1728-1777) que o termo “fenomenologia” surgiu pela primeira vez em sua obra *Neues Organon* (1764). Lambert compreendia fenomenologia como a investigação filosófica para distinção entre verdade e aparência, baseando-se em três questões, pois a aparência pode indicar o caminho à verdade, encobri-la ou ocultá-la. Immanuel Kant (1724-1804) considerava que a primeira parte de sua *Crítica da Razão Pura* era uma fenomenologia geral que delimitava a abrangência do conhecimento humano demonstrando o campo incognoscível, os limites da razão. Na obra *Fenomenologia do Espírito* de Georg W.F. Hegel (1770-1830), a relação entre o fenômeno e o ser é a base para a compreensão da autoconsciência, refutando a restrição do conhecimento, o que abre para a compreensão do absoluto, do espírito. Foi somente no século XX que a pesquisa científica de Goethe ficou reconhecida como fenomenológica; o filósofo Fritz Heinemann assinalou o método – já na década de 30 do século passado – como fenomenologia (SEAMON, 2013, p.13). Entretanto, foi somente nas últimas duas décadas do século XX que a fenomenologia de Goethe passou a ser publicamente considerada como tal, principalmente no âmbito acadêmico. Físicos como Heisenberg, Born, Weizsäcker, Heitler ocuparam-se com a *Teoria das Cores* de Goethe, pois a física clássica estava revendo seus fundamentos epistemológicos depois da irrupção da física quântica (PŘEVRÁTIL, 2008, p.165). A metodologia de Goethe pode ser considerada, então, uma protofenomenologia pelo seu ponto de partida nas observações fenomenológicas, por sua busca pela essência do objeto, pelo fato de não dicotomizar o sujeito e o objeto em seus procedimentos. Na

verdade, foi o debate epistemológico da fenomenologia que criou parâmetros linguísticos que permitiram o reconhecimento dos procedimentos científicos de Goethe. A fenomenologia é um processo aberto de abordagem da realidade que não formata, não padroniza sua dinâmica reflexiva. Não existe somente uma fenomenologia, depois de Husserl outros filósofos desenvolveram suas fenomenologias (Heidegger, Merleau-Ponty, Gadamer...). Neste sentido, podemos falar de uma fenomenologia de Goethe, compreendendo-a como uma fenomenologia da natureza propriamente dita.

O pensamento analítico apresenta sempre uma barreira na compreensão e apreensão da evidência fenomenológica, pois seu procedimento desvia-se do caminho que leva a uma compreensão superior do fenômeno. Goethe não apresenta explicitamente seu método nas suas duas principais teorias da natureza – *A Metamorfose das Plantas* e a *Teoria da Cores*. A importância da consciência sobre o próprio método surgiu ao longo da vida; no início de suas pesquisas, a postura de Goethe era ainda ingênua. Através de sua amizade com Friedrich Schiller (1759-1805), Goethe foi instigado a refletir profundamente sobre sua abordagem científica, passou a ler Kant e a desenvolver discussões epistemológicas. Conceitos fundamentais como polaridade e intensificação possuem um esclarecimento conceitual insuficiente e não pormenorizado num pequeno artigo e citações esparsas ao longo de toda a sua obra científica. A dinâmica interativa entre as percepções e os conceitos configuram a concepção de epistemologia em Goethe. Sua prosa é relativamente prolixa, o que pode ter também retardado o processo de aceitação e compreensão da sua fenomenologia. Reconstituir essa fenomenologia significa a reelaboração ativa do pesquisador para que este crie as condições necessárias num processo de autoeducação, para o entendimento da proposta de Goethe.

### Polaridade e intensificação

Dois conceitos ou dois princípios permeiam a abordagem fenomenológica de Goethe. Conhecer um objeto é um processo de aproximação de um fenômeno que se expressa segundo os princípios da polaridade e da intensificação [*Steigerung*]. Compreendê-los pressupõe a “intuição dos dois grandes impulsos de toda a natureza” (Goethe, 2000d, p.48). Na fenomenologia da natureza, almeja-se um processo reflexivo que seja congruente com a manifestação do fenômeno natural. A polaridade é um modo materialista de se refletir sobre um fenômeno e a intensificação é o conceito do fenômeno pensado espiritualmente. Os dois grandes impulsos da natureza são traduzidos nos conceitos de polaridade e intensificação:

[...] aquele, inerente à matéria enquanto materialmente pensada; este por outro lado, inerente à matéria enquanto a pensamos espiritualmente; aquele consiste em um contínuo atrair e repulsar, este em um contínuo esforço de ascensão. Porém, porque a matéria não existe e não pode ser atuante sem espírito e nunca o espírito sem a matéria, também a matéria pode se elevar, enquanto que o espírito não se deixa atrair ou rechaçar, tal como é capaz de pensá-lo somente aquele que separou o suficiente para poder de novo reunir, e reuniu o suficiente para poder novamente separar. (GOETHE, 2000d, p.48)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> [*Die Erfüllung aber, die ihm fehlt, ist die Anschauung der zwei großen Triebräder aller Natur: der Begriff von Polarität und von Steigerung, jene der Materie, insofern wir sie materiell, diese ihr dagegen, insofern wir sie geistig denken, angehörig; jene ist in immerwährendem Anziehen und Abstoßen, diese in immerstrebendem Aufsteigen. Weil aber die Materie ohne Geist, der Geist nie ohne Materie existiert und wirksam sein kann, so vermag auch die Materie zu steigern, so wie sich der Geist nicht nehmen läßt, anzuziehen und abzustößen; wie derjenige nur allein zu denken vermag, der genugsam getrennt hat, um zu verbinden, genugsam verbunden hat, um wieder trennen zu mögen.*] (GOETHE, 2000d, p.48) (Tradução do autor)

O conceito de polaridade diz respeito à manifestação concomitante de dois opostos complementares no fenômeno. Os opostos não são pensados como contradição, mas como correlacionados. A interpretação que define os opostos como contradição antepõe um valor que não pertence ao fenômeno. A interpretação que compreende os opostos como correlação trabalha numa aceitação (redução fenomenológica) para que os próximos passos da pesquisa sejam bem-sucedidos. Em todas as observações fenomenológicas, Goethe procurou apreender e perceber a presença dos opostos complementares. Quando a pesquisa era no âmbito da botânica, a polaridade era encontrada na dilatação e contração das plantas, na verticalização ascendente e descendente; na pesquisa sobre as cores, a polaridade foi constatada na função ativa do olho nas cores fisiológicas, na complementariedade das cores, nos fundamentos de sua Teoria das Cores como luz e escuridão. “Obviamente estes opostos não são invenções do ser humano, e assim oculta-se em sua existência o início do enigma que nos propõe a essência e a realidade do número” (Weizsäcker, 2000, p.549)<sup>2</sup>. Ou seja, a polaridade está presente como princípio fundamental da fenomenologia goethiana, da observação empírica mais simples, passando por uma classificação e ordenação congruentes, estruturando sua teoria como um todo e embasando o fenômeno primordial [*Urphänomen*].

A intensificação pode ser traduzida com outros termos como crescimento gradual, potencialização, gradação. Crescimento gradual define melhor a palavra alemã *Steigerung* no fenômeno das plantas e nos fenômenos orgânicos, contudo, não é adequada para exprimir o seu significado nos fenômenos cromáticos. *Steigerung* tem a ver com o que

---

2 [*Offenbar sind diese Paar nicht Erfindungen des Menschen, und so verbirgt sich in ihrem Dasein der Anfang des Rätsels, das uns Wesen und Wirklichkeit der Zahl aufgibt.*] (WEIZSÄCKER, 2000, p.549) (Tradução do autor)

aumenta, se eleva, desenvolve, intensifica e acentua, ao mesmo tempo significa algo que se manifesta aos poucos, gradativamente, em diferentes intensidades. Por isso, *Steigerung* é intensificação, potencialização, gradação. Faz parte dos fenômenos a sua heterogeneidade expressada não só pela variedade de polaridades, mas também pelos diferentes graus de intensificação. A intensificação expressa a continuidade destes graus distintos. É uma continuidade em permanente movimento, em constante transição. A constatação e verificação do fenômeno da intensificação não é apreendida pelo pensamento analítico porque não é algo que possa ser fragmentado. A intensificação não pode ser diretamente abordada, mas apenas indiretamente, daí Goethe ter expressado linguisticamente a intensificação com intermédio do símbolo. Sua linguagem simbólica foi uma maneira de, indiretamente, se referir à intensificação. A essência do ser, para a fenomenologia de Goethe, nunca é revelada diretamente. A intensificação é uma aproximação à essência, ela se diferencia do passado ao buscar a atualização do ser. “O que se manifesta imediatamente como real e verdadeiro no nível inferior, passa a ser símbolo no nível superior” (Weizsäcker, 2000, p.550)<sup>3</sup>.

Além disso, a intensificação não é unidirecional como se a relação dos opostos na polaridade fosse linear. A intensificação é bidirecional, apresenta uma polaridade em si, pode ser ascendente ou descendente, de acordo com o seu sentido, sua direção de aproximação.

No acompanhamento consciente destas observações vemos duplos processos de intensificação que se compenetraram, um descendente e um ascendente. O processo descendente move-se na direção da polaridade, da escuridão sem forma. O processo ascendente move-

---

3 [Was auf der niedrigen Stufe unmittelbar wirklich oder wahr erschien, wird auf der höheren zum Gleichnis.] (WEIZSÄCKER, 2000, p.550) (Tradução do autor)

se na direção – da qual parte o descendente – da luminosa e transiluminadora força de configuração do espírito. (WITZENMANN, 1987, p.34)<sup>4</sup>

Com uma fenomenologia fundamentada nos conceitos de polaridade e intensificação, Goethe apresenta uma cosmovisão monista da realidade onde matéria não existe sem espírito, nem espírito sem matéria. O que normalmente é considerado sob uma perspectiva dualista, ou seja, pressupondo uma separação na manifestação fenomênica, a fenomenologia goethiana abarca conjuntamente. Polaridade e intensificação correspondem à matéria e espírito, que formam entre si uma polaridade. O conceito de polaridade é mais facilmente encontrado nos estudos sobre a fenomenologia de Goethe, o de intensificação, por outro lado, em alguns casos não chega nem a ser citado<sup>5</sup>.

Provavelmente, este é o maior desafio para a compreensão da fenomenologia goethiana, uma vez que tem como pré-requisito o desenvolvimento da capacidade intuitiva do sujeito para a experiência da evidência da intensificação no fenômeno. A fenomenologia da natureza não foi algo que Goethe encontrou lendo livros, ele foi aprendendo a ler a própria natureza, assim, o que lhe aparecia aos olhos eram como hieróglifos que continham uma linguagem. Sua vida dedicada à ciência significou um esforço em decifrar os enigmas da natureza.

---

4 [Im bewußten Verfolgen dieser Beobachtungen werden wir zweier sich durchdringender Steigerungsprozesse ansichtig, eines absteigenden und eines aufsteigenden. Der absteigende Prozeß bewegt sich in der Richtung der Polarität, der gestaltlosen Finsternis. Der aufsteigende Prozeß bewegt sich in der Richtung dessen, wovon der absteigende ausgeht, der lichten und durchlichtenden Gestaltungskraft des Geistes.] (WITZENMANN, 1987, p.34) (Tradução do autor)

5 A pesquisa de Sven Lindholm (1998), ao explorar os aspectos essenciais no pensar epistemológico de Goethe, por exemplo, apresenta o conceito de polaridade, a linguagem da natureza, a discussão com o pensamento de Spinoza e o simbolismo. O conceito de intensificação, entretanto, não foi abordado.

Assim como a intensificação faz parte de uma polaridade, ela é também expressão intermediadora dos opostos. A unilateralidade de um dos opostos da polaridade provoca a errônea noção de um julgamento que deve optar entre isto ou aquilo. A fenomenologia goethiana assume o paradoxo da inclusão dos dois opostos como uma maneira de expressão intrínseca da natureza e associa a intensificação como a intermediação entre ambos. Todo e qualquer fenômeno, em sua totalidade, é expressão de opostos complementares, a intensificação é a transição do fenômeno entre os opostos. Esta transição se manifesta numa sequência que indica a passagem de um oposto ao outro em termos graduais, em termos de sua elevação ou de sua intensificação. A fenomenologia da natureza procura expressar a ordenação dessa sequência que demonstra os graus de intensificação ou potencialização. Para designar os diferentes níveis de gradação, Goethe utiliza sequência de palavras que representam a passagem contínua de um grau ao outro. O fenômeno da vida é um exemplo: constituído pela polaridade entre matéria e forma, entre os dois extremos a vida é permeada pela gradual intensificação da forma para a matéria – e da matéria para a forma – na seguinte sequência, segundo Goethe: impulso, aspiração, poder, força e potencialidade (Goethe, 2000b, p.34). O impulso é a intensificação do fenômeno da vida mais próxima da forma [Form] e a potencialidade é a intensificação mais próxima da matéria [*Stoff*].

A polaridade e a intensificação foram princípios que Goethe sempre procurou observar nos próprios fenômenos. A observação fenomenológica caracteriza o procedimento inicial da pesquisa goethiana e se diferencia qualitativamente do empirismo convencional, pois aciona a atividade pensante de tal modo que esta oriente a observação para entrar em harmonia com a natureza (Steiner, 1987, p.123)

**Observação fenomenológica**

Por carecer de alguns parâmetros mais abrangentes, alguns autores identificaram a fenomenologia goethiana como pertencente à filosofia da natureza, sem levar em consideração um grande diferencial entre Goethe e os filósofos que representam este movimento. Goethe ateu-se metodologicamente à observação dos fenômenos, suas pesquisas eram realizadas na natureza, com a natureza, demonstrando um princípio dialógico com o objeto que buscava compreender. A principal diferença entre a fenomenologia goethiana e a filosofia da natureza é o caráter especulativo desta última e o caráter empírico da primeira. Todos os apontamentos e resultados das pesquisas de Goethe são frutos de um laborioso e meticuloso processo de observação. O primeiro objetivo era evitar toda e qualquer relação abstrata com os assuntos do seu interesse. Por ser um processo dialógico, o objeto também participa na formação dos resultados. O método pode ser facilmente confundido com o empirismo. Para expressar este diferencial, Goethe usou o termo “empíria delicada”, indicando uma relação de respeito no processo de descoberta da pesquisa, onde o objeto não precisa ser dissecado para ser conhecido. Sua empíria delicada não fragmenta o organismo de um ser para compreender o princípio vital que lhe é subjacente. Tampouco sua fenomenologia da natureza especula sobre algum fenômeno sem estabelecer alguma relação.

A observação fenomenológica é um processo descritivo que tem o objetivo de apreciar o objeto e suas relações contextuais. Uma observação isolada do objeto não faz parte do interesse abrangente da pesquisa fenomenológica porque todo fenômeno se apresenta em conexão com inúmeros outros fenômenos. A observação do contexto em que se encontra o fenômeno é parte integrante da compreensão global que se busca. A descrição é pormenorizada e a mais exata possível. O esforço de exatidão na descrição

almeja a transparência do objeto. Neste processo descritivo, o esforço de exatidão é uma atividade que retroage no próprio sujeito realizador da pesquisa, que potencializa no processo descritivo seu poder de percepção do objeto. A transparência do objeto é uma qualidade perceptiva a ser conquistada. Esta transparência acontece através de um aprimoramento na formação das representações mentais, que exige uma maior presença do sujeito ante o fenômeno. A transparência é um aperfeiçoamento das impressões sensoriais que, bem internalizadas, podem ser reproduzidas pelo sujeito sem a presença do objeto, mas com um grau de acuidade como se estivesse presente. Esta possibilidade de apreender o objeto numa qualidade de percepção superior é fruto de um contínuo processo de observação fenomenológica. O procedimento da observação fenomenológica permeou a vida de Goethe, sendo que ela é o primeiro passo para outras etapas do método que precisa ser executado como um todo para ser compreendido como um todo.

### Sequenciamento congruente

A observação fenomenológica oferece um conjunto de percepções a respeito do fenômeno que está sendo pesquisado. Como segunda etapa importante do método fenomenológico, a construção de uma sequência ordenadora das percepções torna-se crucial para o desenvolvimento da pesquisa. As percepções não são apresentadas de acordo com uma hipótese previamente estabelecida, nem são reduzidas a esquemas como nas representações matemáticas, tampouco são adequadas ou adaptadas a modelos. Como o objetivo de evitar abstrações está presente na metodologia, nesta etapa Goethe buscava ordenar as percepções de acordo com os princípios subjacentes ao próprio fenômeno. Assim, os princípios de polaridade e

intensificação – que são os impulsos que movem toda a natureza – servem de parâmetro para o sequenciamento do que foi observado.

A estruturação da Teoria das Cores é um exemplo deste sequenciamento congruente. O critério da polaridade e da intensificação ofereceu o ponto de partida, o referencial para o desenvolvimento da obra e o encaminhamento conclusivo. Polaridade e intensificação estão presentes tanto nas partes como no todo da obra. O círculo das cores é uma representação não linear do fenômeno cromático. Linearidade é uma lógica do pensamento analítico. A Teoria das Cores é subdividida em seis partes, inicia com as cores fisiológicas, físicas e químicas, expande para as relações internas do fenômeno cromático, passa pelas afinidades com outras disciplinas e chega ao efeito sensível e moral da cor. Subjetividade e objetividade formam uma polaridade. A estruturação da Teoria das Cores inicia com a subjetividade das cores fisiológicas, explora as cores físicas que dependem das circunstâncias tanto do sujeito quanto do objeto, culmina na objetividade das cores químicas, avança para as conexões internas do fenômeno cromático como um todo (objetividade), amplia para as interconexões com outras disciplinas do saber (uma novamente objetividade e subjetividade) e finaliza com a subjetividade dos efeitos estéticos e éticos das cores. Então, vai de um polo ao outro e retorna ao ponto de partida, percorrendo uma continuidade, uma intensificação que representa – entre as cores fisiológicas, físicas e químicas – o grau de aproximação (neste caso, manifesto na durabilidade) da essência no fenômeno. A intensificação indica uma elevação, uma maior aproximação da essência (espírito) no fenômeno (matéria), que se manifesta como extensão temporal. Uma cor química é um fenômeno cromático mais intensificado que uma cor física que, por sua vez, é mais intensificado que uma fisiológica. A intensificação se manifesta em

cada uma dessas qualidades de cores – propriamente ditas – e na sequência entre elas como um todo.

A quarta parte apresenta uma elevação (intensificação) das considerações anteriores ao abordar o fenômeno cromático como um todo, ao esclarecer as conexões internas e gerais do que foi apresentado anteriormente de modo separado. A quinta parte se eleva a um nível de maior complexidade por abarcar um diálogo interdisciplinar, os aspectos subjetivos voltam inter-relacionados à objetividade fenomênica. A sexta e última parte atinge o auge da elevação, do desenvolvimento das considerações que Goethe (1993, p.139-140) faz sobre os efeitos da cor na alma, com o objetivo de uma transparência da subjetividade. Outro exemplo de um sequenciamento congruente é o círculo cromático que não apresenta a ordem das cores de acordo com o comprimento da onda, como é o caso da representação cartesiana presente na física clássica. A circularidade é imbuída de uma lógica advinda do próprio modo de expressão do fenômeno cromático. No círculo cromático, uma cor com o menor comprimento de onda encontra uma cor com o maior comprimento de onda. Violeta e vermelho são representados como polos opostos pelo pensamento analítico e como colaterais pelo pensamento hologramático, no círculo cromático. Observar e ordenar congruentemente estabelece o critério de relação e de inserção contextual, onde o pesquisador possibilita que sua própria subjetividade não interfira nos julgamentos a respeito do objeto.

### Julgamento pelo objeto

Normalmente, quando se utiliza a palavra julgamento, esta se refere a uma capacidade do sujeito de atribuir valor às coisas e fatos. Julgamento está associado à atividade subjetiva. Quando Goethe se ocupou com a teoria do conhecimento, Kant foi seu guia nas discussões. Em relação a Kant, Goethe

mantém uma admiração e concordância com alguns aspectos, porém, discorda de um aspecto essencial da obra *Crítica do Julgamento*. Ao apresentar o julgamento discursivo como a única capacidade de fato do sujeito ao abordar a realidade e relegar o *intellectus archetypus* a uma impossibilidade, Kant deixou justamente os indícios para que Goethe (2000a, p.30) compreendesse seu próprio processo metodológico. O modo reflexivo de Goethe foi descrito como um pensamento inter-relacionado ao objeto [*gegenständliches Denken*]. O pensamento de Goethe não se separa do objeto, por isso, seu julgamento não é uma imposição da subjetividade ao objeto, mas uma inter-relação recíproca onde o julgamento que o sujeito realiza vem do próprio objeto. Este é um aspecto profundamente dialógico pois a subjetividade não invade o objeto com representações mentais que não dizem respeito a este.

A formação subjetiva ao longo da pesquisa é de um aprendizado, de aquisição de uma postura ante o fenômeno para permitir que este deixe transparecer o modo apropriado de ser julgado. O pensamento que se processa separado do objeto, de antemão, desconhece a possibilidade de se desenvolver um julgamento que esteja intimamente relacionado com o objeto. Um dos motivos é as duas etapas anteriores que precisam ser experienciadas e incorporadas para uma eficaz realização desta terceira etapa. Os dois primeiros passos são pré-requisitos fundamentais para que o julgamento pelo objeto não seja abordado por um pensamento especulativo que não cria a circunstância no sujeito que estabelece uma relação dialógica e recíproca com o fenômeno.

O julgamento pelo objeto requer, antes de tudo, um longo aperfeiçoamento e processo de transformação do próprio sujeito. Embora o pensar objetual fosse uma característica de Goethe, em parte ele foi, por assim dizer, treinado e praticado na pesquisa relacionada contextualmente

com os fenômenos. Experimentos isolados não permitem este diálogo que explora sutilezas da percepção humana. O encadeamento de inúmeros experimentos, a laboriosa correlação do processo observado e a vigilância do sujeito para impedir que preconceitos se antecipem nos processos de conclusão são condições para a possibilidade deste nível superior de relação do sujeito com o fenômeno.

O processo de observação fenomenológica oferece a multiplicidade de percepções. O sequenciamento apresenta uma ordenação em congruência com a maneira que o fenômeno se manifesta. O julgamento intuitivo é uma capacidade de ver as conexões do fenômeno. O universo de percepções não revela as conexões, é a atividade pensante intuitiva que estabelece as percepções das conexões (Steiner, 2004, p.59-63). O julgamento intuitivo é capacidade de conexão, de um pensar que, para julgar, já estabeleceu uma unidade com o objeto, este estado de síntese anterior ao analítico é uma atividade de qualidade diferenciada. O julgamento intuitivo é um parâmetro a ser exercitado metodicamente. Ele é participação concomitante entre objetividade e subjetividade, não pressupõe a objetividade como passividade e a subjetividade como atividade. A aquisição de sua capacidade é algo que acontece ao longo de um processo, é percepção determinada qualitativamente num diálogo contextual. “Cada objeto novo, bem contemplado, inaugura em nós um novo órgão” (Goethe, 2000c, p.38)<sup>6</sup>. Para que o julgamento intuitivo seja possível, o sujeito não pode fixar suas representações para não comprometer a fidelidade da relação com o objeto. No âmbito reflexivo, a fenomenologia de Goethe requer uma versatilidade das representações para a apreensão da essência dos objetos.

---

6 [Jeder neue Gegenstand, wohl beschaut, schließt ein neues Organ in uns auf.] (GOETHE, 2000c, p.38) (Tradução do autor)

### Versatilidade da intencionalidade

Em suas pesquisas, Goethe manteve uma atenção dupla ao observar os fenômenos. A atenção era dirigida para uma clara e precisa apreensão do objeto, mas também para a atividade de sua própria consciência. A atenção dupla focalizava sujeito e objeto, e na interação entre ambos o processo de construção do conhecimento. Goethe não utilizou a terminologia da fenomenologia porque obviamente viveu antes do seu surgimento. Entretanto, um dos aspectos que caracteriza seu método como fenomenológico é sua atenção à intencionalidade da consciência. A formação das representações mentais merece tanta consideração quanto o objeto em estudo, um não pode receber prioridade em relação ao outro. Como o objetivo de suas pesquisas científicas era abordar a inter-relação qualitativa entre sujeito e objeto, o método de Goethe não se apoiou em perspectivas que reduzissem o fenômeno ao que pode ser mensurado, tão somente. Entretanto, os aspectos qualitativos de um fenômeno e a gama de percepções dessas qualidades envolveram Goethe num processo dinâmico e versátil na utilização de representações mentais.

As qualidades de um fenômeno não se deixam expressar apenas por um modelo, por esquemas. Elas podem ser expressas genericamente, no máximo, por princípios arquetípicos, ou seja, presentes e atuantes simultaneamente em todas as partes e conexões do fenômeno. A versatilidade no uso de representações apresenta mais um desafio na aceitação e receptividade da fenomenologia goethiana. A variabilidade nos modos de representar exige uma maior familiaridade com aquilo que Goethe quis expressar. As mudanças na terminologia, o emprego de diferentes expressões e o uso da linguagem simbólica têm o objetivo de transmitir a dinâmica necessária à intencionalidade da consciência para captar a essência do fenômeno. A falta de padronização das representações desafia a

intersubjetividade, uma vez que a comunicação eficaz pressupõe um conjunto de construções cognitivas preestabelecidas que possam apoiar o sujeito a compreender o que está sendo comunicado.

Goethe aplicou um esforço intensificado na sua abordagem fenomenológica para estabelecer uma experiência superior que lhe permitisse julgar intuitivamente. Para comunicar os resultados encontrados, ele se serviu de uma variedade de representações que procuram evitar qualquer noção prévia de uma uniformidade. O método goethiano é multiforme porque a realidade fenomênica, em sua qualidade de manifestação, é multiforme. Daí que a versatilidade da intencionalidade da consciência é uma condição para a apreensão da multiformidade dos fenômenos e das percepções do sujeito.

A utilização de conceitos orientadores tem a função de diversificar o modo de olhar (Schieren, 1998, p.100). Como técnica na aplicação de conceitos orientadores, Goethe fez uso dos símbolos, a linguagem simbólica é mediadora entre a realidade e o sujeito. O conceito simbólico é um conceito aberto, solicita a participação interpretativa do sujeito que, ao elaborá-lo junto às suas percepções do fenômeno, lhe permite “ver” [*schauen*] o que a percepção convencional ou trivial não acessa, ou o que a representação mecânica, matemático-geométrica não possibilita. A representação mental não é flexível como a representação simbólica, entretanto, esta pode simplesmente não dizer nada, até parecer um absurdo, se o sujeito não a elabora de modo tal a fazer transparecer a intencionalidade intuitiva que foi descoberta por quem realizou a pesquisa de fato, num processo dialógico íntimo com o fenômeno. Quem está acostumado a estabelecer uma relação com a realidade com padrões representativos, fica sem parâmetros para compreender a dinâmica da versatilidade da intencionalidade na fenomenologia de Goethe. No entanto, é justamente a

intenção de não estabelecer um modelo fixo o ponto de partida ante o fenômeno vivo.

Os organismos em seu vir-a-ser precisam de um método adequado, um método em devir. A expressão deste vir-a-ser no método está na versatilidade de representações. A dinâmica metamórfica do fenômeno não pode ser fixamente representada, nem sequer mensurada, ela é de um âmbito qualitativo e possível de ser conhecida por um processo cognitivo que se imbui da mesma qualidade. Ao explorar a magnitude expressiva da linguagem simbólica, Goethe foi, para muitos, excessivamente poético, contudo, ele estava propondo um caminho que pertence ao futuro da ciência e tem como pré-requisito número um a metamorfose do cientista.

Como centro do objetivo da pesquisa, como *eidos* fenomenológico, Goethe buscava estabelecer uma experiência superior com o fenômeno, a constatação da evidência.

### Experiência da evidência

A experiência da evidência é um auge do processo de pesquisa, representa o ápice da inter-relação entre o sujeito e objeto. A evidência revela a inter-relação mais elevada, intensificada, que possibilitou a apreensão do essencial no fenômeno. Como procedimento metodológico, Goethe assumiu como ponto de partida o fenômeno empírico, almejando através de variados experimentos alcançar o fenômeno científico e, depois de uma série de observações, chegar ao fenômeno puro [*rein Phähomen*] ou fenômeno primordial [*Urphänomen*], como também denominava. A sequência fenômeno empírico, científico e primordial (puro) representa uma escala de elevação, potencialização da relação sujeito e fenômeno, de intensificação do processo cognitivo que busca a intuição. Como auxiliar e catalisador desta meta metodológica, Goethe estabelece o experimento como mediador

entre o sujeito e o objeto, como caminho de pesquisa para se chegar à experiência da evidência.

Cabe ressaltar que o experimento em Goethe é um posicionamento do sujeito em transformar suas experiências em processos que visam verificar a produção do fenômeno em uma multiplicidade de condições. Deste modo, a fenomenologia goethiana opõe-se ao experimento isolado que descaracteriza o mundo vivido e percebido pelo pesquisador. Pelo contrário, é o aprimoramento da qualidade perceptiva que encaminha o processo de pesquisa para níveis superiores da experiência humana. A pergunta fenomenológica não é o que surge, nem por quê surge, mas como o fenômeno surge.

O fenômeno empírico está associado ao encontro de fato com o que se manifesta, mas esta primeira constatação ainda está num primeiro estágio das reflexões e considerações. O fenômeno científico é abordado através de uma variação de experimentos que apresentam diversas condições que permitem a verificação do contexto, o estudo das condições de surgimento do fenômeno. Sua Teoria das Cores apresenta uma série de experimentos que verificam a multiplicidade de contextos e a diversidade de condições para o surgimento do fenômeno cromático. A evidência do fenômeno primordial, a polaridade da luz e da escuridão, foi verificada numa grande variação de experimentos.

### Considerações finais

A elaboração metodológica foi surgindo ao longo da vida de Goethe, à medida que ele se preocupou em fundamentar o método que ia criando ao pesquisar a natureza. Em uma carta escrita em seus 35 anos, Goethe expõe suas metas como cientista:

Perceber os fenômenos, fixá-los em experimentos, ordenar as experiências e conhecer os modos de representação sobre eles, no primeiro ser tão atento quanto possível e no segundo tão exato quanto, no terceiro se tornar completo e no quarto permanecer múltiplo o suficiente, a isto pertence uma elaboração do seu querido eu, cuja possibilidade eu também, aliás, nunca tive uma ideia. (GOETHE, *apud* KÜHL, 2011, p.202)<sup>7</sup>

A percepção do fenômeno é um primeiro grau de vínculo e a atenção a ele é uma intensificação da relação do sujeito com o objeto para que as percepções saiam da trivialidade. Relacionar-se com os fenômenos tendo como intermediário o experimento, ou seja, a consideração consciente e propositada de aprofundar a interação do sujeito com o objeto, exige a qualidade da exatidão das observações. O enriquecimento das observações torna-se a base para a ampliação da experiência que, uma vez sob o critério de uma ordenação congruente, é almejada em sua completude. O experimento é a própria pesquisa dos diversos modos possíveis e necessários para se representar o objeto e, neste sentido, a fenomenologia de Goethe pressupõe um dinamismo no próprio sujeito para que este permaneça múltiplo e diversificado.

Os conceitos de polaridade e intensificação estão presentes nas partes e no todo, revelam o grau de congruência na correspondência entre o conteúdo da pesquisa e o seu método (Kühl, 2011, p.132). A observação fenomenológica é um procedimento que determina inicialmente a qualidade da relação do sujeito com o fenômeno. As etapas metodológicas seguintes

---

<sup>7</sup> [Die Phänomene zu erhaschen, sie zu Versuchen zu fixieren, die Erfahrungen zu ordnen und die Vorstellungsarten darüber kennen zu lernen, bei dem ersten so aufmerksam, bei dem zweiten so genau als möglich zu sein, beim dritten vollständig zu werden und beim vierten vielseitig genug zu bleiben, dazu gehört eine Durcharbeitung seines lieben Ichs, von deren Möglichkeit ich auch sonst nur keine Idee gehabt habe.] (GOETHE, *apud* KÜHL, 2011, p.202) (Tradução do autor)

dependem deste ponto de partida. O sequenciamento congruente dos dados observados demonstra outro aspecto qualitativo diferenciado na interação dinâmica entre o pesquisador e o que vem sendo pesquisado, para chegar à profundidade do desafio em estabelecer um julgamento que não provenha da própria subjetividade. A versatilidade das representações é um desafio da formação [*Bildung*] individual, ou melhor, da autoformação que significa a assunção de uma responsabilidade sobre sua própria inserção na interação, pois a experiência da evidência, como meta epistemológica, é sempre potencialidade do método e não garantia.

A fenomenologia de Goethe é intrinsecamente um procedimento participativo que envolve a contínua autoformação do pesquisador. Os resultados da pesquisa possuem significados diferentes quando é apenas comunicado, comparado a quem chega até eles participando de suas etapas metodológicas. No primeiro caso, lida-se com algo pronto sem o reconhecimento dos seus aspectos intrínsecos, no segundo caso, o resultado ou a evidência tornou-se experiência vivida através de uma autoeducação, ou seja, foi incorporado pelo pesquisador.

### Referências

- GOETHE, Johann W. v. Anschauende Urteilskraft. IN: GOETHE, J.W.v. *Naturwissenschaftliche Schriften I*. Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000a. p.30-31
- \_\_\_\_\_. Bildungstrieb. IN: GOETHE, J.W.v. *Naturwissenschaftliche Schriften I*. Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000b. p.32-34
- \_\_\_\_\_. Bedeutende Fördernis durch ein einziges geistreiches Wort. IN: GOETHE, J.W.v. *Naturwissenschaftliche Schriften I*. Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000c. p.37-41

\_\_\_\_\_. Erläuterung zu dem aphoristischen Aufsatz "Die Natur". IN: GOETHE, J.W.v. *Naturwissenschaftliche Schriften I*. Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000d. p.48-49

KÜHL, Johannes. *Höfe, Regenbögen, Dämmerung: Die atmosphärischen Farben und Goethes Farbenlehre*. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 2011.

LINDHOLM, Sven. **Inszenierte Metamorphosen: Beuy's Aktionen vor dem Hintergrund von Goethes Gestalttheorie**. Freiburg: Rombach Verlag, 2008.

PŘEVŘÁTIL, Leoš. Worum geht es in der Farbenlehre Goethes? IN: PLEŠTIL, Dušan; SCHAD, Wolfgang (Orgs.). *Naturwissenschaft Heute im Ansatz Goethes: Ein Prager Symposion*. Stuttgart: Verlag Johannes M. Mayer, 2008. p.165-184

SCHIEREN, Jost. *Anschauende Urteilskraft: methodische und philosophische Grundlagen von Goethes naturwissenschaftlichem Erkennen*. Düsseldorf; Bonn: Parerga, 1998

SEAMON, David. Goethe, nature and phenomenology. IN: SEAMON, David; ZAJONC, Arthur. *Goethe's way of science: a phenomenology of nature*. New York: State University of New York Press, 2013. p.1-14

STEINER, Rudolf. *Einleitungen zu Goethes naturwissenschaftlichen Schriften: Zugleich eine Grundlegung der Geisteswissenschaft*. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1987.

\_\_\_\_\_. *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana*. São Paulo: Antroposófica, 2004.

WEIZSÄCKER, Carl Friedrich von. Einige Begriffe aus Goethes Naturwissenschaft. IN: IN: GOETHE, Johann Wolfgang von. *Naturwissenschaftliche Schriften I*. Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000. p.539-555

WITZENMANN, Herbert. *Goethes universalästhetischer Impuls: Die Vereinigung der platonischen und aristotelischen Geistesströmung*. Dornach: Gideon Spicker Verlag, 1987.